
**O espaço destinado à mulher negra no telejornalismo:
sub-representação nos telejornais brasileiros**

**The space for black women on television:
underrepresentation in television news**

Laura Ferreira de ABREU⁹⁴
Rosângela Ferreira de Carvalho BORGES⁹⁵

RESUMO

Considerando que a mulher negra é sub-representada em diversas esferas, como no telejornalismo, esse artigo busca estudar a participação da mulher negra no telejornalismo e gerar reflexões sobre essa participação, através de um mapeamento das âncoras negras que se sentam nas bancadas de diversos telejornais do Brasil. Foi possível observar com a pesquisa que a mulher negra é, de fato, minoria nas apresentações dos telejornais.

PALAVRAS-CHAVE

Mulher negra; Telejornalismo; Âncora; Sub-representação.

ABSTRACT

Considering that the Black woman is underrepresented in several spheres, such as in television news, this article seeks to study the participation of Black women in television news and generate reflections on this participation, through a mapping of black anchors who sit on the benches of several news programs in Brazil. It was possible to observe with the research that the black woman is, in fact, a minority in the presentations of the news.

KEYWORDS

Black Woman; TV journalism; Anchor; Underrepresentation.

⁹⁴ Recém-graduada em jornalismo pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG); e-mail: lferreira.a.lfa@gmail.com

⁹⁵ Orientadora do trabalho. Professora vinculada a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG); e-mail: rosangela.borges@uemg.br

INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Existente há 70 anos no país, a televisão se consolidou como um dos meios midiáticos/de comunicação mais presentes nas casas dos brasileiros, de acordo com o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.⁹⁶ Nascida em 1950, quando a precursora TV Tupi foi instaurada, a televisão transformou a realidade do país através da imagem. Com seu advento, eclode o telejornalismo brasileiro que, posteriormente, se tornaria o meio dominante da informação.

Aliado ao nascimento da televisão surge o primeiro telejornal brasileiro, o “*Imagens do Dia*” da pioneira TV Tupi. Após 19 anos, a TV Globo estreia o *Jornal Nacional*, o primeiro programa com transmissão nacional (PATERNOSTRO, 1999, p. 31). A história da TV salta 27 anos para que a bancada do JN tenha a sua primeira apresentadora, Valéria Monteiro, e mais 23 anos para que a primeira apresentadora negra apresente o jornal, Maria Júlia Coutinho, conhecida popularmente como Maju.

Mais de 70 anos separam o início do telejornalismo no país da atualidade e muita coisa mudou no modo de passar as informações. Porém, apesar do tempo significativo de história telejornalística e tendo-se em vista que 56% da população do país é considerada negra e parda, segundo dados do IBGE⁹⁷, a presença de jornalistas negros ainda é a minoria nas produções e apresentações dos telejornais da TV aberta.⁹⁸

Apesar de insuficiente e tardiamente, é possível perceber que nos últimos anos a inserção de mulheres negras nesse espaço cresceu, no entanto, é necessário entender que essa participação ainda é minoria.

Diante do exposto, é necessário discutir a problemática: qual é o espaço midiático que esse veículo de comunicação destina às mulheres negras? Acerca disso, o trabalho se propõe a mapear e discutir a presença da mulher negra no telejornalismo. A necessidade do estudo se

⁹⁶ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-denoticias/releases/25700-pnad-continua-2018-10-da-populacao-concentram-43-1-da-massa-de-rendimentos-do-pais>. Acesso em: 15 out. 2019.

⁹⁷ Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403>. Acesso em: 02 fev. 2021.

⁹⁸ Disponível em: <http://vaidape.com.br/2017/06/pesquisa-apresentadores-negros-na-televisao/>. Acesso em: 11 set 2020.

corroborar, pois nota-se que a presença da jornalista negra nas apresentações de telejornais ainda é inconsistente no país.

Segundo estudo realizado por Fernanda Leite Aureliano e Fernando Firmino da Silva (2015), no artigo “*A Padronização Estética das Apresentadoras dos Principais Telejornais Brasileiros*”, é possível constatar que 86% das apresentadoras são brancas e 14% são consideradas pardas. Sobre isso, os autores informam que o corpo presente no telejornalismo é aquele que faz parte do estereótipo social.

Desde esta análise, realizada em 2015, até os dias atuais, verificam-se poucas inserções de mulheres negras nos telejornais. O caso mais recente, e de grande destaque, foi o da jornalista Maju Coutinho, antes apresentadora da previsão do tempo do Jornal Nacional, da Rede Globo, para âncora do Jornal Hoje, da mesma emissora. Esta promoção da jornalista não foi imune a atos racistas, mas o resultado da contratação de Maju foi motivo de comemoração para a comunidade negra. Hoje, a jornalista é apresentadora do programa Fantástico aos domingos.

Contudo, a escalção da Globo, apesar de recente, ocasionou comentários, fazendo-se indagar sobre o racismo estrutural presente no país, que torna a figura do negro “um ser sem credibilidade”. Em uma matéria publicada pelo portal UOL⁹⁹, assinada pelo jornalista Daniel Castro, os erros do programa de estreia no Jornal Hoje de Coutinho são contados. Este tipo de repercussão, entretanto, não é recorrente sobre jornalistas brancos, tendo o objetivo de desqualificar os negros.

1. O PAPEL DO ÂNCORA

A função do âncora, como se conhece hoje, surge no país com o telejornal TJ Brasil, em 1988, do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), até a data de estreia os apresentadores eram quase que locutores das notícias, visto que muitos migravam do rádio para a TV. O jornalista Boris Casoy importa dos Estados Unidos o estilo e “o tratamento opinativo que imprimiu ao programa representou muita das vezes o sentimento da população. A presença do âncora e a credibilidade do jornal suprimiram a deficiência dos recursos técnicos da emissora”

⁹⁹ Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/daniel-castro/nervosismo-de-maju-coutinho-no-jornal-hojeacende-alerta-na-globo-30001>. Acesso em: 15 de out de 2019

(PATERNOSTRO, 1999, p. 37). Com o resultado positivo do estilo de Casoy, as emissoras começam a compreender a importância do âncora para os telejornais e, ainda, a necessidade de um jornalista que participasse do processo de criação e produção para aumentar a credibilidade.

O âncora é o “rosto” do telejornal no qual trabalham. Isso é, o rosto do âncora se associa diretamente ao veículo em que ele trabalha e, conseqüentemente, carrega a credibilidade deste meio. É corriqueiro dizer “aquele telejornal que tem tal apresentador” ao invés do nome do programa. Camila Pérez Gonçalves da Silva, citando Barbeiro e Lima, em seu artigo “*Âncora: posturas e evolução de uma atividade jornalística*”, destaca que o âncora “integra um processo para contar a uma parte da sociedade o que a outra está fazendo. Não é a estrela do telejornal, mas é o rosto mais conhecido e familiar do telespectador” (SILVA, 2009, p. 2).

Justamente por ser esse rosto familiar do público, os âncoras são vistos como celebridades. Eles passam de transmissores de notícias para a própria notícia. Aparecem em capas de jornais, revistas e em sites de fofocas. Suas vidas se transformam em um verdadeiro espetáculo. Para Hagen (2006, p. 2),

quando estão na TV – ambiente visto como espetaculoso –, no desempenho do papel de apresentadores, ocupam o espaço do real, sendo amparados e legitimados pelo “discurso da verdade” presente no jornalismo. Paradoxalmente, fora do universo televisivo, constroem uma vida espetacular, justamente no que o senso comum convencionou chamar de “vida real”.

Para além de apenas informar, o âncora, com as suas características semelhantes ao de uma celebridade, acaba tendo influência no cotidiano dos telespectadores. É perceptível isso na moda. Muitas pessoas – mulheres, principalmente, pois são as mais afetadas pelo mercado da moda –, acabam desejando as roupas das apresentadoras. Para Hall (2010, p. 308), a televisão é o meio de comunicação dominante quanto à representação e discurso social e, muito desse poder, é devido a sua característica visual e documentária. É “a janela para o mundo”.

Os âncoras são apontados como profissionais essenciais ao telejornalismo, pois é por meio da sua interação com o público, pela forma de se expressar, pela aparência e estilo que eles se tornam íntimos dos telespectadores e seguem a linha editorial, consolidando a credibilidade das notícias (CARDOSO, CHINELATO; COUTINHO, 2013, p. 3).

Sendo o âncora uma figura televisiva, é necessário entender que a televisão atua em três lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. É o primeiro que pode explicar o efeito da televisão, e dos âncoras (uma vez que esses estão dentro desse meio), na sociedade. A família é a unidade que representa a maior parcela da audiência televisiva, pois “a cotidianidade é uma interpelação fundamental para os setores populares”. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 293).

Ainda segundo Martín-Barbero (1997), este meio recorre a dois intermédios fundamentais: um personagem do espetáculo popular- por exemplo, um apresentador-animador, que pode ser encontrado em diversos programas, inclusive nos noticiários-, e o tom coloquial com o qual se comunica. O apresentador-animador não é apenas um mero transmissor de informações, mas o interlocutor que transforma a família em seu interlocutor. Parte daí o tom coloquial adotado pelo meio e a sensação de um diálogo familiar, em que tudo é próximo do telespectador.

2. O PAPEL DA MÍDIA

Ao introduzir a questão dos âncoras, faz-se necessário o delineamento dos meios de comunicação e a sua relação com a sociedade, visto que o objeto de estudo desta pesquisa se encontra nessa esfera. Quando se pensa em mídia/meios de comunicação, é fundamental que esse pensamento venha acompanhado do poder que essa esfera exerce na sociedade. Deve-se pensar a mídia como um meio onde os imaginários sociais são reproduzidos e responsáveis por formatar e transformar o pensamento social.

Acerca disso, Muniz Sodré acrescenta a ideia de Aristóteles sobre as esferas existenciais (política, de prazeres e do conhecimento) um quarto *bios*: o mediático. Para o autor, o *bios* mediático é a sociedade em trânsito em que se vive hoje, com isso, “a informação é o solo em que é feita a sociedade contemporânea”¹⁰⁰. A sociedade moderna está concentrada na virtualidade, não há indistinção entre o real e a tela.

Sendo assim, fica explícito o quanto a mídia tem poder de interferência na sociedade atual. É ela, a mídia, que dissemina informações, molda os modos de vida, constrói e mantém

¹⁰⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Af5_KX0cp8Y. Acesso em: 20 de jan de 2021.

imaginários sociais, pois “as imagens midiáticas que regem as relações sociais provêm dos modelos hegemônicos do capital e dos mercados globais” (SODRÉ, 2013, p. 108).

Por isso, é necessário entender esse poder midiático e que nenhum discurso veiculado pelos meios de comunicação é neutro, sejam eles através de imagens ou palavras. Ao associar a imagem de um negro a coisas negativas, a mídia ajuda a perpetuar o discurso simbólico e o signo do negro ligado a coisas ruins. Fazendo o contrário, a mídia permite que o papel social e o espaço do negro seja repensado, por isso, a imagem de mulheres negras apresentando telejornais é simbólico.

Sobre os estereótipos, Sodré diz que eles são “emoções coletivas esteticamente condensadas, nos territórios imateriais do bios midiático”, se prevalece porque vem de um real manipuladamente construído, se tornando uma cultura de emoções e sensações, tornando a experiência mais afetiva” (SODRÉ, 2013, p. 109).

A mídia, como instituição, faz parte de uma estrutura racista e, sendo assim, reproduz e cria estereótipos raciais que ajudam na manutenção do racismo estrutural. À vista disso, se faz necessário que os meios de comunicação revertam essa lógica e criem ambientes antirracistas, tendo em vista que

A mídia funciona no nível macro como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, em geral estruturadas por uma tradição intelectual elitista que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele. (SODRÉ, 1999, p. 243)

Sodré diz que dentro da própria mídia, seja ela impressa, radiofônica, agências de publicidade etc., se organizam “elites intelectuais”, especializadas na neo retórica do discurso público. Fazem parte dessas elites os âncoras, além de outros profissionais igualmente mediatizados. Estes operam também como uma espécie de “grupo técnico da imaginação”, responsáveis pela absorção, reelaboração e retransmissão de um imaginário coletivo atuante nas representações sociais”. Esse imaginário social é importante para se compreender as representações negativas dos negros (SODRÉ, 1999, p. 244).

Ainda segundo Sodré, os ideais racistas do imaginário social são reproduzidos pelas elites tradicionais de maneira mais sutil através do discurso “mediático-popularesco”. Sendo

assim, o autor explica que o racismo mediático é suscitado através da negação, do recalçamento, da estigmatização e da indiferença profissional (SODRÉ, 1999, p. 246).

Outro apontamento sobre a mídia é de Mikhail Bakhtin (2009), que parte do princípio de que todo ato comunicativo é contextual, portanto situado por sujeitos, instituições, tempos e espaços definidos e que a linguagem é construtiva e construtora do real, que faz um diálogo entre as classes sociais e as culturas.

Depreende-se, a partir disto, que a mídia é uma produtora de consentimento, visto que o poder não é exercido apenas pelo consenso, mas também pelo compartilhamento de valores, visões de mundo, conceitos éticos e estéticos, padrões comportamentais e socioculturais. Portanto, é um campo privilegiado de forças e disputas pela hegemonia e pelo processo dialético de produção de consentimento, que reflete e refrata tais forças e disputas no nosso cotidiano.

Ampliando a discussão sobre a linguagem transmitida pelas mídias, uma discussão importante que deve ser fomentada é como a objetividade do jornalismo pode silenciar trajetórias de jornalistas negras e mulheres. Em seu artigo *“Mulher Negra e Repórter: atravessamentos entre gênero, raça, subjetividade e telejornalismo na trajetória de Glória Maria”*, a autora Valéria Vilas Bôas analisa como os âmbitos de subjetividade, jornalismo, raça e gênero atravessam a trajetória da jornalista. Para iniciar a discussão, Bôas (2020) indica que no início a imagem de Glória Maria remetia pouco a sua posição de mulher negra em uma sociedade racista e machista. Isso se deve justamente a ideia de objetividade, separando o sujeito da profissão.

Avançando na discussão, pode-se entender o telejornalismo como instrumento do sistema opressivo que também atravessa os sujeitos em aspectos de raça e classe. Sendo assim, é a construção da linguagem do telejornalismo que dialoga com a “rejeição institucionalizada da diferença”, que pode ser identificada pelos padrões estéticos adotados primeiramente pelos homens – uma vez que eram a maioria no meio televisivo – e depois pelas mulheres (VILAS BÔAS, 2020, p. 181). Sobre isso, Sueli Carneiro (2019) destaca a importância do telejornalismo como operante na criação de sentidos.

Se partimos do entendimento de que os meios de comunicação não apenas repassam as representações sociais sedimentadas no imaginário social, mas também se instituem como agentes que operam, constroem e reconstruem no

interior da sua lógica de produção central na cristalização de imagens e sentidos sobre a mulher negra. (CARNEIRO, 2019, p. 282).

Quando se aprofunda sobre as trajetórias de mulheres negras no país, é necessário chegar à raiz da problemática: a intersecção de raça, gênero e classe que atinge este grupo. As mulheres negras carregam alguns estereótipos que se conversam e são responsáveis por mantê-las em condições de subalternidade. Há uma intersecção discriminatória em três âmbitos sociais: o primeiro por ser uma mulher em uma sociedade machista; o segundo por ser negra em uma sociedade racista e o último por ser pobre em uma sociedade capitalista e de classes, como exposto pela Antonia Aparecida Quintão, no livro “Espelho Infiel – o negro no jornalismo brasileiro”. A mulher negra esbarra, ainda, em uma hierarquização de gênero e raça, em que, nos espaços políticos e econômicos, o privilégio é dado primeiramente ao homem branco, seguido pela mulher branca, chegando no homem negro e, por último, na mulher negra (QUINTÃO, 2004, p. 51).

Para Kimberle Crenshaw (2002), que estuda especificamente a intersecção na justiça social, as vivências das mulheres negras não podem ser tratadas separadamente nas categorias de discriminação racial e de gênero, uma vez que são um grupo sobreposto. Sem essa visão, há uma manutenção da exclusão.

Em suma, são esses fatores que fazem com que as mulheres negras permaneçam à margem da sociedade e ocupem cargos inferiores de trabalho. Ora não é uma mera coincidência que os telejornais sejam apresentados majoritariamente por pessoas brancas, isto é resultado de anos de sexismo, racismo e até mesmo da operação do capitalismo na sociedade. Como elucida Sueli Carneiro (2011, p. 109) na declaração pró-Conferência de Racismo da III Conferência Mundial contra Racismo, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, essa intersecção

produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, que se manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima; em uma expectativa de vida menor, em cinco anos, em relação à das mulheres brancas; em um menor índice de casamentos; e sobretudo no confinamento nas ocupações de menor prestígio e remuneração.

Para além dessas questões, há também a problemática de classes. A mulher negra é discriminada por ser negra, mulher e por, geralmente, ocupar posições na base da sociedade. Sabemos que os negros são os maiores ocupantes nas taxas de pobreza¹⁰¹, resultado direto da escravidão e dá falta de políticas públicas para a inserção do negro na sociedade após a abolição da escravatura. No artigo “*As mulheres negras na construção de uma nova utopia*”, publicado no site Geledés, Angela Davis (2011), argumenta que a raça é informada pela classe e vice-versa. Gênero também é um elemento informativo da classe.

Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras.

Com isso, em uma sociedade marcada pela extrema desigualdade social onde os que possuem um poder aquisitivo melhor, são aqueles com melhores oportunidades, a correlação entre a carência de jornalistas negras no país e o baixo grau de escolaridade e a classe social da maioria do grupo que, por vezes, não consegue inserção em espaços elitizados, como o acadêmico, é explicada.

3. METODOLOGIA

Para encetar a pesquisa, foi realizado um mapeamento em junho de 2020 de todas as mulheres negras que estavam atuando como âncora e aquelas que já se sentaram nas bancadas dos telejornais mais assistidos do país. Para tal, foi feito um levantamento utilizando os resultados da Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016 para delimitar o *corpus* de análise. O *corpus* de análise foi constituído através de pesquisas nos sites das emissoras, na programação dos telejornais e em pesquisas na internet em geral. Um obstáculo percebido foi em relação ao mapeamento histórico, dado que apenas a TV Globo possui um site com informações antigas

¹⁰¹ Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2018/11/30/negros-sao-78-entre-os-mais-pobres-e-somente-25-entre-s-mais-ricos/>. Acesso em: 20 out. 2020.

de seus programas. Esse impasse fez com que fosse mapeado apenas uma parcela das mulheres que já apresentaram os telejornais ao longo dos anos.

Os canais abertos escolhidos para serem analisados foram a TV Globo, TV Cultura, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), TV Record e TV Bandeirantes (Band), tendo como base que são os que possuem os telejornais com as maiores audiências de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016. Ainda, foi incorporado ao *corpus* de análise duas emissoras de rede fechada, a Globo *News* e a CNN Brasil, por considerar que ambas também possuem uma audiência significativa.

Juntos, foram analisados 50 telejornais, sendo 36 da rede aberta e 14 dos canais fechados. Para efeito de recorte, foi considerado apenas os telejornais do eixo Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, uma vez que a produção jornalística é mais intensa nessas localidades. Ademais, é também onde se concentra a maior parcela de jornalistas do país (56,50%), como indica a pesquisa “O Perfil do Jornalista Brasileiro em 2018”¹⁰². Foi estudado, também, apenas as âncoras fixas do quadro de telejornais.

Portanto, foram analisados 19 telejornais da rede Globo, dois da TV Cultura, sete da TV Bandeirantes (Band), cinco da Record, três do SBT, sete da CNN Brasil e sete da Globo *News*.

Para se ter um parâmetro, ainda, sobre o histórico de mulheres negras que já passaram pelas bancadas dos telejornais, foi realizado outro mapeamento no qual foi pesquisado aquelas mulheres que já apresentaram os telejornais das emissoras citadas acima. Para efeito de delimitação da pesquisa, foram analisados todos os telejornais da Globo e Globo *News*- uma vez que ela é a única emissora que disponibiliza um acervo sobre a história de seus programas, sendo eles o Jornal Nacional, Jornal Hoje, Jornal da Globo e o Jornal das Dez. Das outras emissoras, foram analisados os principais telejornais, como o Jornal da Band, Jornal da Cultura, Jornal da Record e SBT Brasil. A emissora CNN Brasil não entrou nesse recorte de análise, pois estreou no país em 2020.

4. RESULTADOS: QUEM SÃO AS MULHERES NEGRAS QUE SÃO ÂNCORAS?

¹⁰² Disponível em: <https://apexconteudo.com.br/o-perfil-do-jornalista-brasileiro-em-2018/>. Acesso em: 18 de ago. 2020.

Dos telejornais analisados, identificamos que em 36 há a presença feminina nas bancadas, sendo que em 16 as mulheres compartilham a ancoragem com um homem e em quatro elas dividem bancada com outras parceiras. Agora, quando analisamos as mulheres negras que apresentam os telejornais, esse número cai para oito, o que representa 23% do total. Com isso, a nossa hipótese é confirmada: o espaço destinado às jornalistas negras no jornalismo televisivo ainda é insuficiente. As mulheres negras não representam nem 30% das jornalistas que passam as notícias, mesmo sendo a maioria na população brasileira.

Quando se discrimina por emissora, tem-se na TV Globo a âncora negra que é mais conhecida pelos telespectadores, a Maju Coutinho, que comandava o Jornal Hoje, um telejornal diário transmitido das 13h25 às 14h45. Já à frente da apresentação do MG1 está a jornalista Aline Aguiar, o telejornal vai ao ar ao meio-dia e é transmitido para a região de BH e de abrangência da TV Globo Minas. Por último, há Glória Maria na apresentação do Globo Repórter. Apesar de não ser um telejornal no modelo convencional, este último foi considerado devido a sua audiência expressiva.

Joyce Ribeiro é a única negra no quadro de âncoras da TV Cultura. Ela faz a apresentação do telejornal Jornal da Tarde, que vai ao ar diariamente ao meio-dia. Outros canais que também possuem apenas uma negra apresentando seus telejornais são a Band e a Record. Na Band, Cynthia Martins é quem apresenta o Jornal Band Notícias, que é transmitido diariamente no horário nobre, às 22h. Já na Record, tem-se Salcy Lima apresentando o Fala Brasil, jornal matinal que vai ao ar às 8h30. O SBT é o único que não possui nenhuma âncora negra na sua programação.

Nas emissoras fechadas, há na novata CNN Brasil a jornalista Luciana Barreto, que apresentava o Visão CNN, transmitido às 12h45. Já na Globo News, Aline Midlej é a única jornalista negra apresentando um telejornal, no jornal Globo News edição das 10h.

Do *corpus* de análise do segundo mapeamento, o histórico, observou-se que já passaram pelo menos 61 mulheres em nove telejornais analisados. Desse quantitativo, apenas seis são negras, um percentual de 9,83%, são elas: Joyce Ribeiro, Maria Julia Coutinho, Anna Davies, Maria Helena Santos (Lena Santos) e Aline Aguiar. Algumas ainda permanecem na ancoragem de telejornais, como citado anteriormente. Assim, fica evidente novamente que a mulher negra sempre foi minoria nesse espaço.

A jornalista Cynthia Martins é a única, deste *corpus* de análise, que apresenta no horário tido como nobre. Além disso, é interessante destacar que ela também é a única que utiliza, por vezes, tranças para apresentar o jornal. Salcy Lima e Glória Maria são as que utilizam cabelos lisos e, as outras, cabelos cacheados e crespos.

É interessante analisar a questão do cabelo das âncoras, pois uma vez que o cabelo crespo/trançado/cacheado é extremamente marginalizado na sociedade através do racismo recreativo (xingamentos e piadas), o uso desses cabelos na televisão se torna um símbolo de representação para as mulheres negras telespectadoras. Essa questão se torna ainda mais significativa quando se tem o relato da Lena Santos- informado pela irmã Maria da Conceição dos Santos (Zora Santos) ao coletivo Lena Santos, de jornalistas negros de Minas Gerais-, que não podia usar tranças e roupas coloridas para apresentar o Jornal Hoje edição MG (atual jornal MGTV). Apesar de nos últimos anos ser possível observar a aparição de mais mulheres de trança, sobretudo nas funções de repórteres, ainda é um processo muito tímido.

Como já apontava Nilma Lino Gomes (2008), o corpo e o cabelo são representações sociais e da beleza do negro no país e permitem a construção social, cultural, política e ideológica. O cabelo afro é um ícone identitário, uma expressão da sua negritude, sendo essa estética inseparável do campo político e econômico. Sendo assim, o cabelo do negro é um signo na sociedade, que comunica e informa as relações raciais. Quando um negro muda o seu cabelo, através de progressivas ou processos alisantes, por exemplo, isso pode significar que ele está tentando sair do lugar de inferioridade ou de introjeção deste, visto que os cabelos afros (cacheados, crespos, trançados) são constantemente marginalizados.

Através dos dois mapeamentos, observou-se que a inserção da mulher negra é recente no telejornalismo brasileiro. Ainda que tenha figuras mais velhas, como Glória Maria, as jornalistas negras estão começando a ocupar de modo mais significativo conforme a conversa sobre o assunto aumenta, tem-se como exemplo Maju Coutinho, que foi a primeira a ocupar a bancada do Jornal Nacional, e Aline Aguiar, que foi a segunda a sentar nessa bancada. Além disso, é insuficiente para representar a grande parcela de negras que há no país, visto que o meio que possui mais visibilidade e audiência do estudo é a TV Globo, com apenas três âncoras negras que, conseqüentemente, são as mais conhecidas pelos telespectadores.

Verificou-se, ainda, que essas mulheres negras citadas na pesquisa são engajadas socialmente e se posicionam sobre casos de racismo, o que colabora, também, para a conscientização de seus telespectadores. Tendo a televisão como meio difusor e a figura do âncora que é glamourizada, as mulheres negras que apresentam os telejornais ajudam na construção de um imaginário social positivo vinculado à mulher negra e se transformam em referências para as telespectadoras negras.

No entanto, ao comparar com o percentual da população negra, o grupo ainda é sub-representado, é resultado direto do racismo estrutural, que não permite que os negros alcancem os locais de poder, como a televisão. A sub-representação produz, ainda, um sentimento negativo nos telespectadores negros que nunca se enxergam nessas esferas. É um meio de reforçar que aquele lugar não deve ser ocupado por esse grupo.

Outro ponto observado através do mapeamento é que as mulheres negras que ocupam as bancadas não estão isentas de sofrer racismo só porque conseguiram adentrar a um espaço embranquecido, tem-se como exemplo o caso da Maju Coutinho¹⁰³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A deslegitimação que a mulher negra sofre nas esferas raciais, de gênero e classistas faz com que ela não consiga acessar a espaços elitizados e historicamente brancos. A mídia, destaque para a televisão, sendo um local de poder na sociedade, é um desses espaços.

Em subversão a essa lógica, algumas mulheres negras conseguem quebrar o ciclo de discriminação e adentrar a esses espaços. No entanto, são sempre minoria, por mais que sejam a maioria no quantitativo da população brasileira.

A falta de representatividade de mulheres negras nesses locais contribui para a manutenção e criação do imaginário social racista que associa negros a lugares subalternos. Esses imaginários, além de produzirem uma discriminação, afetam a autoestima e autoaceitação dos negros, promovendo um sentimento de não pertencimento e negação do espaço.

¹⁰³ A apresentadora foi vítima de injúria racial e racismo nas redes sociais, em 2015. O caso ganhou grande repercussão nacional na época, nas redes sociais as hashtags #SomosTodosMajuCoutinho foram amplamente utilizadas, inclusive por celebridades e outros apresentadores, como William Bonner.

Contudo, nada adianta a representatividade em massa de ícones negros se essa ação não vier junto de políticas públicas de inserção, manutenção e projeção dos negros nesses locais elitizados.

Com esse trabalho podemos perceber o quanto as mulheres negras são minorias nos telejornais. E mais, o quanto elas são interpostas a problemas de (in)visibilidade e racismo mesmo estando em veículos de prestígio. Há sempre outros obstáculos para as mulheres negras quando essas alcançam espaços de poder.

REFERÊNCIAS

AURELIANO, F; SILVA, F. A Padronização Estética das Apresentadoras dos Principais Telejornais Brasileiros. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Intercom, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1432-1.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2016.

CARDOSO, L; CHINELATO, S; COUTINHO, I. As mudanças na bancada do Jornal Nacional. ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Juiz de Fora. **Anais** [...]. Juiz de Fora: Alcar, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontrosnacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/as-mudancas-na-bancada-do-jornal->. Acesso em: 19 set. 2020.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar dos Tempos, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CRENSHAW, Kimberle. "Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero". **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

DAVIS, Angela. **As mulheres negras na construção de uma nova utopia**, 2011. Disponível em: www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/. Acesso em: 9 out. 2020.

GOMES, Nilma. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2008. Disponível em: http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_textos_sociologia/Negra.pdf. Acesso em: 9 out. 2020.

HAGEN, Sean. Jornalismo, mito e linguagem: uma abordagem teórica dos apresentadores-estrela. In: VIZEU, Alfredo. **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às Mediações – Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

PATERNOSTRO, Vera. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

SILVA, Camila. Âncora: posturas e evolução de uma atividade jornalística. **Revista Temática**, ano V, n.06, junho, 2009.

SODRÉ, Muniz. Bios mediático. **Revista Dispositiva**, v. 2 n. 1 (2013): maio/out. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/6093>. Acesso em: 10 dez .2020.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 1999.

VILAS BÔAS, V. M. Mulher, Negra e Repórter: atravessamentos entre gênero, raça, subjetividade e telejornalismo na trajetória de Glória Maria. In: **Revista Eco-Pós**, 23(3), 165–184, 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27620. Acesso em: 4 ago. 2022.